



O péssimo estado das instalações revela o desperdício e o abandono de que a escola é vítima

Escola agrícola está totalmente abandonada

No quilômetro 15 da BR-070, à direita de quem segue para Brazlândia, existe um lugar que exprime situação lamentável. Trata-se das instalações do que um dia foi a Escola Agrícola de Brazlândia, mantida pelas Obras Sociais da Paróquia de São Sebastião, mas atualmente abandonada por uma opção do arcebispo de Brasília, dom José Falcão. Responsável 70 por cento do abastecimento de hortifrutigranjeiros no Distrito Federal, Brazlândia não se pode dar ao luxo de ter uma escola do ramo fechada. Por isso, segmentos da comunidade acham que, se a Igreja não tem mais interesse em mantê-la, poderia passar a administração a outra entidade.

Observando-se as instalações da escola, deduz-se que aproximadamente 80 alunos poderiam nela estudar. A área construída compreende dois blocos paralelos, que medem aproximadamente 10 por 30 metros. Um deles abriga quatro salas de aula e um sanitário. O outro, uma cozinha, refeitório e duas grandes salas ligadas por um amplo banheiro, com instalações sanitárias e box para banho. Tudo está abandonado. Num depósito construído no subsolo existem armários e escrivaninhas de metal sendo destruídos pelo tempo. Nas salas, algumas mesas, cadeiras, além de livros e documentos espalhados pelo chão.

E são estes documentos uma das poucas fontes de informação sobre o funcionamento da escola. Entre eles, algumas carteiras de saúde pertencentes a ex-alunos, carnês de contribuintes que eram quitados na Caixa Econômica Federal de Brazlândia e registros de menores que lá permaneceram internados,

mediante convênio com a Fundação do Bem-Estar-Social. A mais recente correspondência tinha a data de 28 de fevereiro de 1985. Tratava-se, provavelmente, de uma contribuição da Embaixada dos Paises Baixos, já que apena o envelope estava no chão.

Mas parte da história foi relatada pela diretora do Centro de Desenvolvimento Social (CDS), orgão da Fundação do Serviço Social, Maria Tereza Martins. Há 10 anos trabalhando na unidade de Brazlândia, Tereza disse que a escola funcionou até 1985. "Depois, o padre José Pel-

legrini, que comandava as atividades, se transferiu para Anápolis e o seu sucessor, padre Antônio, recebeu orientação do arcebispo de Brasília para realizar apenas os trabalhos eclesiásticos. Com isso, a escola fechou e hoje está abandonada", relatou.

Responsável pelas atividades sociais de aproximadamente 650 menores cadastrados no CDS, Tereza é uma das maiores defensoras da reabertura desta escola. A faixa etária em que o CDS atua é de 7 a 18 anos e o trabalho compreende o encaminhamento de alguns menores à atividade produtiva em chácaras ou em-

presas agrícolas da região.

E por este aspecto que, segundo Tereza, a reativação da Escola Agrícola seria fundamental: "As vezes, nós não podemos encaminhar alguns menores porque eles ainda não estão devidamente preparados. Atualmente, nós mesmos os preparamos para algumas atividades agrícolas. Um grupo, por exemplo, está trabalhando na proflora, cuidando do ensacamento de mudas para a distribuição por parte da empresa. Outros estão em chácaras da redondeza. Se tivéssemos esta escola funcionando, poderíamos preparar um maior número de menores, além das atividades que eles poderiam realizar na própria escola, que tem uma boa área para este fim".

Tereza ressaltou que existem pessoas interessadas até em atuar na administração do estabelecimento, caso seja reaberto. "O José Neves, que é o presidente da Brigada Mirim de Brazlândia, é uma das pessoas mais interessadas na reabertura da escola. Ele, inclusive, estaria disposto a dar de seu tempo para atingir este objetivo. Creio que outros segmentos da comunidade de Brazlândia, eventualmente, também teriam o mesmo interesse. O fato de Brazlândia ser responsável por mais de metade do abastecimento de hortifrutigranjeiros do Distrito Federal só prova que a escola tem potencial para estar funcionando", afirmou.

Tereza revelou que, até agora ela mesmo nada fez na luta pela reabertura da escola. Mas afirmou: "Acho que isto é uma necessidade, além do que é judicar um patrimônio como aquele ficar exposto à destruição por puro abandono".



Entulho e lixo onde antes eram as salas de aula